

Diário de Notícias 18 de Janeiro de 2018

ELA CASA PARA MAX

resultado do levantamento realizado por Sérgio Gomes para tese de mestrado orientada por Teresa Nascimento, que é curadora desta exposição e o acompanha na criação do programa comemorativo. "Não me poderia passar despercebido este centenário", justifica a professora universitária. Não sendo madeirense, conhece o impacto que Max na Região e fora dela. Não tem dúvidas de que é "um marco" não apenas da cultura madeirense, mas da portuguesa.

No espaço Infoart, na Avenida Arriaga, a exposição mostra a ligação do cantor à ilha, com destaque para a paisagem, uma espécie de reencontro de Max com o lugar de onde partiu.

Faltam apoios para grande exposição de rua

O grande objectivo depois desta fase inicial de lançamento das comemorações é conseguir apoios para criar uma grande exposição biográfica, de rua, a ficar patente ao público na Avenida Arriaga. Para já há outras previstas. A segunda deverá ser em Fevereiro em Câmara de Lobos, no Museu de Imprensa Madeira, em princípio acompanhada de um momento musical. A terceira terá como palco o Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, em Maio. O Colégio dos Jesuítas, no Funchal, será incluído no roteiro para recordar em Julho o espectáculo de Max em 1960.

A ideia dos dois organizadores é depois fazer as exposições circularrem por outros pontos da Madeira e levá-las também a Sintra, onde o cantor viveu e acabou por morrer, e onde foi acarinhado.

A par destas mostras, há também interesse em criar um evento de natureza mais académica, um espaço de reflexão e debate com especialistas, revelou Teresa Nascimento. A professora fala de uma figura singular, versátil do ponto de vista artístico. Tinha talento não só para a interpretação, como para a representação. "Foi um embaixador da Madeira". Ouvir Max era ouvir a Madeira que muitos só conheciam de nome, numa altura em que as comunicações e acessibilidades eram bem diferentes das de hoje, refere. "Ele falava e cantava de uma maneira especial, usando e abusando dos regionalismos e de um sotaque próprio".

Sérgio Gomes diz mesmo que Max era o Ronaldo da altura. "Além de cantor, foi actor, foi compositor e depois foi um artista que andou no mundo inteiro e que levou o nome da Madeira por esse mundo além".

O Tony Bennett português

Carlos Alberto Moniz é um músico muito experiente, um cantor e compositor com uma longa e profícua carreira em nome próprio e no trabalho com outros músicos de diferentes gerações. Cruzou-se com Max há muitos anos e é com carinho que recorda o cantor madeirense, falecido em 1980.

O início da relação tem mais de 40 anos, quando Carlos Alberto Moniz começou a cantar com Maria do Amparo, altura em que iam com a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional fazer espectáculos fora de Lisboa. As viagens pelas estradas de Portugal eram de descoberta e de conversas. "Ele gostava muito de mim e da Maria do Amparo, vinha sempre. Era 'os meus meninos', 'vocês são muito afinadinhos, são muito afinadinhos. Mas não se esqueçam que têm que se dizer as palavrinhas todas. Não se pode cantar sem que se perceba as palavrinhas todas, todas, todas todas'. Eu nunca mais me esqueci disto", conta Carlos Alberto Moniz. "Na minha opinião, Max é o Tony Bennett português. Ele de facto consegue moldar a voz e cantar com uma graciosidade que poucos de nós conseguimos. Ele conseguiu". Conhece as canções quase todas gravadas por Max, a par de manter a relação com a família, com o filho, José António. Na terça-feira ligou-

lhe a dar conta que vinha ao Funchal participar na homenagem e a pedir a bênção.

No 'Autores contados e cantados', programa regular que tem na 1.ª quinta-feira de cada mês na Sociedade Portuguesa de Autores, entre Edith Piaf, Georges Moustaki, José Carlos Ary dos Santos, Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e outros, "obviamente lá estava o Max". "É daquelas pessoas que nascem com o dom. Para cantar tem de ser afinado, tem que entrar a

tempo, cantar com a orquestra, mas isso há 90% dos cantores que fazem. Depois aparecem aqueles 2 ou 3% que ultrapassam esta faixa e fazem tudo isto melhor do que todos. "Ele é um dos casos".

"Ele é uma das grandes vozes, como há o nosso Paulo de Carvalho e rapaziada nova que há para aí a cantar e muito bem, mas o Max de facto é adorado e venerado por todos nós da música".

Carlos Alberto Moniz não se

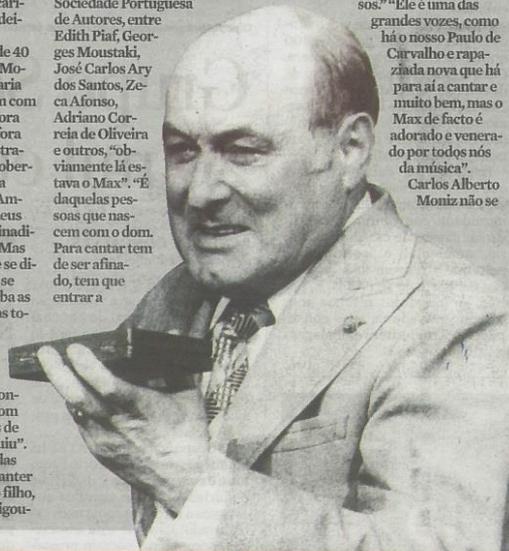
coloca no mesmo patamar. Sente que há um carinho muito grande das pessoas, numa relação que começou muito cedo, marcada por programas como 'Fungagá da Bicharada', 'Arca de Noé', 'A casa do tio Carlos' e outros. "Corri o mundo a tocar com o Zeca Afonso, com o Adriano Correia de Oliveira, com o Carlos Paredes. Corri este Mundo todo, tudo o que se possa imaginar de países, eu fui". Sente-se um saltimbanco.

Hoje continua a cantar, tem meia dúzia de actuações por mês, 80% de borlas. "Não me preocupo muito". Sabe que na maior parte dos casos se assim não fosse, bairros, cooperativas e pequenas associações e colectividades não poderiam ter espectáculos.

Com 69 anos, continua a compor músicas novas. A pergunta se é uma necessidade, responde "é físico, não é só espiritual".

Uma das novas composições vai estreiar precisamente no concerto de sábado. Fez arranjos para 'A Noite', de Max. Sentei-me ao piano, com o computador de escrita e escrevi o arranjo para cantar 'A Noite' cá. Só que escrevi tanto à pressa que quanto fui ver, os papéis estão todos engatados. Portanto vou emendar papéis", diz com um sorriso.

MAXIMIANO DE SOUSA



CONCERTO NO SÁBADO PASSA PELOS GRANDES TEMAS E POR UMA ESTREIA ABSOLUTA

É com a estreia absoluta de 'Homenagem a Max', da autoria de João Caldeira, que começa no sábado pelas 18 horas no Teatro Municipal Baltazar Dias o concerto de homenagem a Maximiano de Sousa, um concerto com a Orquestra Clássica da Madeira e com o cantor, sob a direcção do maestro Rui Pinheiro. 'Homenagem a Max' é uma abertura e foi criada para este espectáculo. João Caldeira partiu de várias músicas popularizadas por Max e juntou-as numa nova peça. "Peguei nas partes principais, dei um toque pessoal e resultou numa abertura". João Caldeira vem do mundo dos festivais e dos musicais, trabalhou em 'Grito de Esperança', 'Flor Bela e Louca' e 'Levada de

Amores'. Tem mais de uma dezena de músicas estreadas. "Gostei bastante do resultado", confessou. "A música fala por si. As pessoas vão identificar logo onde estão os temas do Max". Garante que no Teatro, com a Orquestra, "vai ser um espectáculo". Quem também está optimista é o director artístico da OCM. A junção de 'Max' com orquestra resulta muito bem, na opinião de Norberto Gomes. "Conseguimos ter uma abordagem diferente, com um tapete sonoro diferente do que só com guitarra, ou só com guitarra e piano e mais um outro instrumento. Damos uma outra cobertura, um outro revestimento às obras. Acho que a música fica a ganhar

e o público consegue absorver de forma diferente, de uma forma mais completa, poderemos assim dizer, as obras do Max". Quanto ao maestro, Rui Pinheiro confessa que foi um desafio, desde logo porque é um repertório que não está ligado ao mundo da música clássica. "Foi muito aliciante poder rever este repertório que conhecia, mas que não tinha realmente muito presente e foi bom voltar a ouvir estas canções e perceber também, depois, a partir dos arranjos que já estavam feitos, que já tinham sido tocados pela OCM, como é que iríamos fazer isto com o Carlos Alberto Moniz". Ontem foi o primeiro ensaio, serviu precisamente para tentar encontrar a melhor for-

ma, entre a versão do Max, aversão arranjada e o "bom gosto" do cantor convidado, explicou o maestro.

A música de Max, onde se inclui também a escrita para ele, referiu Rui Pinheiro, "está entre um lirismo absolutamente encantador, uma coisa quase do período dos anos 20, que eu gosto imenso. E depois uma coisa quase de humor, uma música também muito marcada e com um certo folclorismo, quase um bocadinho a brincar a gozar, que é muito engraçado". O concerto está quase esgotado. Está integrado nas comemorações do centenário do nascimento de Maximiano de Sousa, celebrado precisamente no sábado.